

AGRESSIVIDADE, TRABALHO DE CULTURA E VIOLÊNCIA

In: *Psicanálise na vida cotidiana 2*. Andrade, E; Freitas, V; Ceccarelli, P. (orgs). Bom Despacho: Literatura em cena, 199-226, 2020.

Paulo Roberto Ceccarelli*

A imagem de libertação, que se tornou cada vez mais realista, é perseguida em todo o mundo. Campos de concentração e de trabalhos forçados, julgamentos e perseguições dos inconformistas, deflagraram um ódio e uma ira que indicam a total mobilização contra o retorno do recalcado.
Marcuse, 1975,77

INTRODUÇÃO

Gostaria de desenvolver a hipótese segundo a qual a violência seria o retorno na cultura, ou seja, no simbólico, da agressividade que só ocorre após o surgimento do estado de cultura (FREUD, 1976/1908 & 1974/1930). Seguindo o caminho proposto no título – Agressividade, trabalho de cultura e violência-, procurarei mostrar que a violência se apresenta como um subproduto do trabalho de cultura(Kulturarbeit).

AGRESSIVIDADE

Quando pensamos em agressividade em Psicanálise somos imediatamente levados ao eixo central de um dos

textos mais importantes de Freud: O Mal-estar na cultura (FREUD,1974/1930). Dimensão inerente aos animais, o que inclui o ser humano, a agressividade é também fonte de prazer, e complementar ao amor: os laços amorosos que unem os homens, desviados de objetivos sexuais, só podem ser mantidos se outros homens forem depositários da agressividade presente em toda forma de relacionamento devido à ambivalência (FREUD,1976/1921).

As reflexões sobre o estatuto da agressividade ocupam um lugar de destaque na psicanálise freudiana e pós-freudiana¹. Desde cedo, Freud teorizou sobre este tópico, ao reconhecer a presença de tendências agressivas na clínica: “Na psicanálise (...) despertam-se todas as moções inclusiveas hostis [do paciente]que são aproveitadas para fins de análise” (1974/1905[1901], p.111).

As posições freudianas em relação à agressividade aparecem em três momentos: o primeiro em 1905, marcado pela primeira teoria pulsional (1905-1920), cuja origem, já o dissemos, foi na experiência clínica, caracterizada pela ambivalência.E graças à resistência que surgiu na clínica, Freud teorizou sobre a transferência que, no início, foi chamada de “transferência negativa”: manifestações hostis e agressivas que surgem no tratamento analítico.

Em seguida, temos o aparecimento do conceito de pulsão. Marcado pelo sadismo, esta segunda teorização freudiana “cor-

1 Para uma discussão sobre agressividade em psicanálise ver: de SOUZA LIMA, B. Do amor em tempos de cólera: agressividade, subjetividade e cultura. Rio de Janeiro: 2006, 250p. Tese de doutorado – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. (Disponível em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/9985/9985_1.PD)

responderia a um componente agressivo autonomizado e exagerado da pulsão sexual, movido por deslocamento para o lugar preponderante” (FREUD,1905, p.148). No final do segundo ensaio, a crueldade natural da criança, se apresenta, em um primeiro momento, como independente dos impulsos agressivos só se detendo em face da dor do outro mais tarde: “a capacidade de compadecer-se te mum desenvolvimento relativamente tardio” (FREUD,1974/1905, p.180).

Com a formulação da segunda teoria pulsional em 1920, a agressividade ganha o estatuto de pulsão de morte, cuja finalidade é a destruição:

“existem essencialmente duas classes diferentes de pulsões: as pulsões sexuais, compreendidas no mais amplo sentido – Eros, se preferem esse nome – e pulsões agressivas, cuja finalidade é a destruição”(Freud,1974/1933[32], p.129).

Cabe, ainda, lembrar que três dos grandes nomes da psicanálise pós-freudiana – Klein, Winnicott e Lacan trabalham, cada um à sua maneira, o conceito de pulsão de morte, a partir da interpretação que cada um fez da leitura do texto freudiano².

Ainda que as relações entre a agressividade e a cultura estejam presentes ao longo da obra freudiana, destacamos

2 “Em Klein, encontramos a equivalência entre pulsão de morte, agressividade e destrutividade. (...) Winnicott, mesmo partilhando com Klein a importância desses impulsos para a emergência da vida psíquica, jamais aceitou o conceito de pulsão de morte (...) Por fim, a teoria lacaniana opera dois deslocamentos: abole a dualidade pulsional, afirmando que toda pulsão é, ao mesmo tempo, pulsão de morte e sexual, ao mesmo tempo em que postula a primazia da instância pulsional na estruturação do psiquismo” (SOUZA LIMA, 2016, 51).

a passagem na qual Freud considera a agressividade como matéria bruta da cultura:

Nossa cultura repousa, falando de modo geral, sobre a repressão das pulsões (Unterdrückung von Trieben). Cada indivíduo renuncia a uma parte dos seus atributos: a uma parcela do seu sentimento de onipotência ou ainda das inclinações vingativas ou agressivas (der aggressiven Neigungen) de sua personalidade. Dessas contribuições resulta o acervo cultural comum de bens materiais e ideais (FREUD, 1976/1908, 192)3.

Mais tarde, no *Mal-estar da civilização*, (FREUD, 1974/1930), especulando sobre as possibilidades de se inibir a agressividade e torná-la inócua, Freud fala da introjeção da agressividade e de seu retorno, via superego, contra o Eu do indivíduo sobre forma de “consciência”:

“a civilização, portanto, consegue dominar o perigoso desejo de agressão do indivíduo, enfraquecendo-o, desarmando-o e estabelecendo no seu interior uma gente para cuidar dele, como uma guarnição numa cidade conquistada” (FREUD, 1974/1930, p.146).

Gostaria de terminar estas breves considerações sobre a agressividade, com uma reflexão que apresentei em um texto anterior (CECCARELLI, 2009). Se, como vimos, morte (Tânatos) e vida (Eros) são dois lados da mesma moeda,

3 É digno de nota, que no texto citado - Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna - Freud (1908) fala de repressão (Unterdrückung) e não de recalque (Verdrängung): “a influência prejudicial da civilização reduz-se principalmente à repressão nociva (die Schädlich Unterdrückung) da vida sexual dos povos (ou classes) civilizados através da moral sexual civilizada’ que os rege” (Freud, 1976/1908, p. 191).

cabe perguntar: quem sairá vencedor nesta batalha de titãs? A resposta a esta “questão decisiva” dependerá dos sacrifícios pulsionais que a civilização está disposta a fazer e a capacidade de fornecer-lhe satisfações substitutivas (FREUD, 1974/1927), assim como a intensidade do retorno ao Eu da agressividade que sentimos, em forma de sentimento de culpa (FREUD, 1974/1930). Contudo, se o retorno ao estado inanimado, produzido pelas pulsões agressivas, é uma tendência que conduz tudo que é vivo à morte (FREUD, 1920), parece que este movimento está igualmente presente na cultura, posto que a psicologia individual é ao mesmo tempo, psicologia social (FREUD, 1976/1921). Da mesma forma que o organismo tende a retornar ao estado inorgânico, a cultura seguiria o mesmo roteiro. Como para o indivíduo, a cultura traz em si os germes de sua própria morte, estaríamos caminhando para isso? A história da humanidade tem nos mostrado que no conflito Eros x Tânatos, o último tem sido o vencedor. Por isso sou contra a hipótese tão difundida segundo a qual a violência é pior na atualidade (CECCARELLI, 2007).

O TRABALHO DE CULTURA (KULTURARBEIT)

Amparado pelo Iluminismo, Freud recusava todo apriorismo que sustentava uma visão teológica ou metafísica do mundo: a ciência era a única forma de se alcançar a verdade (ROUDINESCO, 2016). Para Freud, a ideia de “progresso” era tributária das teses de Darwin e de Lamarck, sustentadas pela

Teoria da Recapitulação de Ernst Haeckel⁴: a ontogenia é a recapitulação breve e rápida da filogenia (FREUD,1985/1916). As aquisições civilizatórias dos nossos antepassados seriam transmitidas para as gerações subseqüentes como caracteres adquiridos, o que permitira alcançar uma sociedade iluminada. Sociedades, altamente civilizadas (essencialmente europeias) teriam atingido um elevado grau de sublimação dos impulsos, sobretudo os agressivos e sádicos (BERNAT,2002).

O “progresso da civilização,”⁵ graças ao trabalho de cultura (*Kulturarbeit*), dominaria o pulsional, o qual retornaria sob o modo sublimatório, mais aceitável pelo grupo: se, por um lado, o sujeito perde ao limitar suas satisfações pulsionais, por outro, ele ganha ao transformar o pulsional recalcado em força de trabalho, contribuindo para que a vida comunitária seja suportável. A noção de *Kulturarbeit* situa-se entre interesses individuais e os de grupo que, juntos, garantiriam a satisfação coletiva às custas da renúncia, ainda que parcial, de satisfações dos impulsos egoístas e agressivos.

O trabalho da cultura seria o responsável pelo surgimento do que chamamos de civilização, ou estado de cultura⁶: uma posição libidinal que inclui, por um lado, o conhe-

4 Embora a teoria da recapitulação tenha sido rejeitada no início do século XX, ela ainda é aceita, em parte, pela Biologia Evolutiva moderna. (Conf.: DUVERNAY BOLENS, 2001/2).

5 A ideia de um “progresso” da humanidade, ou o “mito do progresso”, aparece a partir do séc. XVIII. No entanto, ela nada mais é do que uma outra visão de mundo, e não uma verdade, que nos ajuda a suportar o desamparo, condição antropológica fundamental, do humano.

6 Para Freud, a civilização humana representa “tudo aquilo em que a vida humana se elevou acima de sua condição animal e difere da vida dos animais(...) e desprezo ter que distinguir entre cultura e civilização”. Conf. Freud(1927,16).

cimento e a capacidade que adquirimos para controlar as forças da natureza e delas tirar proveito e, por outro lado, a regulamentação das relações entre os homens, sobretudo no que diz respeito às riquezas disponíveis, à satisfação pulsional e à agressividade (FREUD,1974/1927).

Trata-se de um operador central para se compreender tanto a origem do processo civilizatório, quanto os descaminhos deste processo. Na conf. XXXI, A dissecação da personalidade psíquica, encontramos esta noção de modo mais explícito:

Seu propósito [o da psicanálise] é, na verdade, fortalecer o ego, fazê-lo mais independente do superego, ampliar seu campo de percepção e expandir sua organização, de maneira a poder assenhorear-se de novas partes do id. Onde estava o id, ali estará o ego (*Wo es war, soll ich werden*) [onde era isso, eu apareço]. É uma obra de cultura (*Kulturarbeit*), - não diferente da drenagem do *Zuider Zee* (FREUD,1974/1933,102)

A comparação feita por Freud entre o propósito da psicanálise e a drenagem do *ZuiderZee* ilustra bem este processo. Graças à aquisição de conhecimentos ao longo de anos, graças ao trabalho de cultura, pôde-se transformar parte do mar em terra cultivável: a força transformou-se em criação. Este é o propósito da sublimação: criar novos destinos pulsionais que transformem moções pulsionais inutilizáveis em criações culturais.

O trabalho de cultura, que substitui o princípio de prazer pelo de realidade, é o resultado de um trajeto de milhares de

anos, que foi sendo criado aos poucos e estabelecido a duras penas a partir da “coerção e da renúncia das pulsões” (*Zwang und Triebverzicht*) (FREUD, 1974/1927, 17). Todo ser humano tem que passar por este processo, e a grande dificuldade reside no fato de que o recém-nascido deverá, em alguns anos, “assimilar os resultados de uma evolução cultural que se estende por milhares de anos”(FREUD,1974/1933, 180) para adquirir o controle das pulsões e adaptar-se à cultura.

No verão de 1915, a ideia de progresso começa a vacilar. Foi neste mesmo ano, não por acaso, que Freud escreveu um de seus mais belos textos: *Transitoriedade*, publicado em 1916. Em uma caminhada por campos floridos em companhia de um poeta e de um amigo, o poeta parece não aceitar que toda aquela beleza desapareceria quando o inverno chegasse. E mesmo as grandes obras humanas estavam, fatalmente, fadadas ao mesmo destino: “até mesmo tudo que ele [o poeta] amara e admirara parecia-lhe desvalorizado pelo destino determinante da transitoriedade” (FREUD, 2015/1916, p. 221). Entretanto, continua Freud, não é por serem transitórios que a beleza da natureza e os bens culturais perdem o seu valor: ao contrário, o valor destes bens é aumentado devido à limitação de sua fruição (FREUD,2015/1916). Aceitarmos a transitoriedade do belo, dos valores culturais, enfim, da vida, equivale ao trabalho de luto: elaborando a perda, somos capazes de reinvestir em novos objetos e, quem sabe, sobre bases mais sólidas e duráveis. A revolta do poeta contra o transitório, a “exigência de eternidade”

produzida por nossa vida desejante, era, no fundo, uma “revolta psíquica contra o luto” (FREUD, 2015/1916, p. 223), o que lhe impediu a fruição do belo.

No início de 1915, em plena Primeira Guerra Mundial, Freud (1976/1915) escreve *Reflexões para os tempos de guerra e morte*, que marca o início de sua preocupação mais realista com os elementos pulsionais presentes nos conflitos humanos e, ao mesmo tempo, o fim das utopias.

A Grande Guerra⁷ radicalizou a transitoriedade dos objetos, e a fragilidade do acervo cultural e dos bens materiais e ideais da cultura de forma nunca vista, o que levou Freud a considerações sobre os limites e possibilidades do trabalho de luto nestas circunstâncias. A guerra não apenas destrói as belezas da natureza e as obras de arte, mas, atingiu, igualmente, as mais altas aquisições da cultura, “deixando nua nossa vida pulsional (*Triebleben*). (...) [ela] desacorrentou nossos maus espíritos, que acreditávamos permanentemente domados por décadas de educação por parte de nobres predecessores” (FREUD, 2015/1916,223-224).

⁷ A Primeira Grande Guerra é considerada emblemática, pois é quando o domínio da técnica passa de definir o poder, transformando-a em um signo de mutação. Entretanto, a Guerra de 14 gerou a Segunda Grande Guerra, que por sua vez, gerou a Guerra Fria, o que levou a guerras civis mundiais. Dentre elas, a da Indochina, da Coreia, do Vietnã, da Espanha e outras tantas. Junta-se a isso as guerras urbanas diárias, tanto nos países da América Latina ou África, quanto em cidades do primeiro mundo: Paris, Berlim, Nova York. Tais conflitos não são apenas perpetrados por terroristas, mafiosos, neonazistas, esquadrões da morte e outras facções. Mas, igualmente, por cidadãos comuns que, à noite, se transformam em *hooligans*, em loucos furiosos ou ainda em incendiários cometendo mortes em série de todas as espécies. Não nos esqueçamos, contudo, que a violência em massa sempre existiu, como a história bem nos mostra. Basta lembrarmos dos massacres que os grandes descobrimentos, ou melhor, as grandes invasões, produziram nas civilizações existentes na América Latina e na África.

A Guerra faz Freud integrar em sua teoria o que o mundo exterior traz como contradição: por um lado as nações mais civilizadas, as mais “iluminadas” são as que estão em guerra; por outro, as mentes mais brilhantes regridem a um nível de barbárie que em nada deixa a desejar aos chamados “povos primitivos” ou aos mais graves neuróticos(CECCARELLI, 2009).

A alta conta que Freud tinha pelas aquisições culturais, ruíram-se. E a razão, tão admirada por Freud, foi relegada ao segundo plano manchando a sublime neutralidade da ciência, que se torna apenas mais uma utopia. Os Estados que se colocavam como guardiões de padrões morais elevados se mostraram capazes de brutalidades e horrores que não se acreditava possíveis (FREUD,1976/1915b).

O “homem da ciência”, do iluminismo, continua um ser humano igual aos outros, preso em uma tensão conflituosa entre o progresso do conhecimento (confundido com uma elevação do sujeito) e seus problemas pessoais que são suscetíveis de invadir e/ou paralisar suas teorias: ele tem que se haver consigo mesmo! (BERNAT, 2002). O recalque de nada valia, e as conquistas culturais desapareceram. Regrediu-se ao animismo, o que invalida qualquer ideia de um depósito e de transmissão de aquisições filogenéticas.

Ainda que o processo civilizatório desenvolva estratégias de repressão e recalque, as pulsões permanecem ineducáveis e imutáveis, para além dos tempos: tanto o ódio quanto o amor não se transformam. A evolução biológica, o progresso tecnológico, e o aumento de conhecimento, não nos permitem

falar de “progresso psíquico” no ser humano: o progresso cultural é um progresso de objetos. Se há progresso humano, este é um assunto individual, e não da massa, que desaparece com a morte do indivíduo.

Os processos constitutivos do Eu repetem os mesmos conflitos intra e extrapsíquicos – reivindicações narcísicas, interesses pessoais contra os do grupo... – desde a aurora da humanidade, fazendo com que a história do ser humano seja um eterno recomeçar: a compulsão à repetição.

O estado de cultura só é suportável se, baseado no modelo infantil, dele pudermos extrair satisfação pulsional suficiente para que a frustração seja tolerada. A menor ameaça de perda dos objetos de satisfação produz o retorno de moções pulsionais destrutivas, aflorando o homem primitivo em nós:

O outro, o que pensa diferente, que tem outra religião, que vem de outra parte, que tem outra história, outras referências identificatórias, outra teoria, transforma-se facilmente em alvo das pulsões agressivas e destrutivas, se ele ameaça revelar o desamparo (psíquico) que as crenças disfarçam. E mesmo nas relações mais próximas – família, casal – o amor pode transformar-se em um ódio nunca imaginado. Nada mais insuportável do que sermos decepcionados pelo nosso objeto de amor (CECCARELLI, 2009, 40).

As teses avançadas em *Reflexões para os tempos de guerra e morte* são, além de premonitórias em relação os acontecimentos dos anos pós Primeira Guerra, igualmente desconcertantes

no que diz respeito à nova leitura da dinâmica pulsional constitutiva do ser humano. As Reflexões anunciam profundas mudanças na teoria freudiana, cujo expoente máximo será a introdução, em 1920, da pulsão de morte: se Eros, a pulsão devida, tem o poder de unificar, Tânatos, pulsão de morte, tem o poder de desfazer o que o Eros constrói.

VIOLÊNCIA

A concepção de violência é histórica e política. No século XIX, ela foi conclamada como um agente transformador fundamental da história. Karl Marx (1998), em *O Capital*, entende a violência como parteira da velha sociedade, cuja nova está em suas entranhas. A violência teria o papel revolucionário em seu valor afirmativo de um novo futuro, ao mesmo tempo em que negaria o passado, o que lhe conferiria o status de criadora e de aniquiladora. Foi neste sentido que até a segunda metade do século 20, sobretudo nos agitados anos 60, Jean-Paul Sartre e Frantz Fanon, entendiam que a violência se elevaria contra a injustiça social propiciada pelo sistema capitalista dominante. Insuflada pelo ímpeto revolucionário, ela possuiria uma dimensão subversiva diante de valores e instituições condenáveis (DUARTE, 2014).

No século 21, a discussão sobre a violência tomou outros rumos e promoveu novos debates⁸. Resta-nos conjec-

8 O programa de pós-graduação da Faculdade de Medicina da UFMG em Promoção de Saúde e Prevenção da Violência (<https://ufmg.br/cursos/pos-graduação/mestrado/2665/01>), centra-se em estudos trans e interdisciplinares sobre as inúmeras manifestações da violência.

turar se a violência ainda dever ser entendida como uma chance de mutação da história, ou se teria ocorrido uma mudança na própria concepção de violência tornando-a, no fundo, inalterada. A partir daí, novas questões são colocadas: haveria uma violência legítima, ou toda violência é, *a priori*, condenável e ilegítima? São questões das quais não podemos nos esquivar, quando levamos em conta os eventos ocorridos recentemente no mundo e, sobretudo, o momento político sem precedentes que o país atravessa, e que têm dividido a sociedade. Há de se lembrar, também, das manifestações populares de junho de 2013 ou, mais particularmente, a prisão, por cidadãos, de um assaltante no Rio de Janeiro que foi amarrado, nu, com uma tranca de bicicleta a um poste (DUARTE, 2014). Sem dúvida, a violência “invadiu todas as áreas da vida de relação do indivíduo: relação com o mundo das coisas, com o mundo das pessoas com seu corpo e com sua mente”(COSTA,1984 p. 9). Estudos interdisciplinares sobre a violência – seja para contê-la e/ou para compreender sua dinâmica e suas manifestações – são cada vez mais necessários e frequentes, para que ela não termine por ser banalizada. Enfim, a violência se apresenta como um enigma a ser decifrado, caso contrário seremos devorados por ela!

A ideia de uma “violência legítima” parece estar presente no pensamento freudiano antes da Primeira Guerra Mundial (1914-1919).⁹ Inicialmente, Freud parece não se posicionar contra a guerra. Ele tinha 58 anos de idade, e teria reagido à guerra de maneira “entusiasmada”(JONES,1969).

⁹ Freud teve seu primeiro contato com a guerra e suas consequências, quando tinha dez anos de idade: a guerra austro-prussiana.

Sua preocupação, naquele momento, centrava-se no destino de seus parentes, em suas condições de vida e também o futuro do movimento psicanalítico. Ademais, a guerra levou analistas a hospitais de campo, contribuindo, assim, para a divulgação dos benefícios da terapia psicanalítica.

Em uma carta a Karl Abraham datada de 26 de julho de 1914, Freud escreve:

Naturalmente, não se pode prever, por hora, se os acontecimentos nos permitirão realizar o Congresso (em Dresden). Se a guerra ainda continuar localizada nos Bálcãs, tudo ficará bem. Mas, nada se pode dizer da Rússia. Apesar de tudo, é a primeira vez, em trinta anos, que tenho o sentimento de ser austríaco e gostaria muito de dar mais uma chance a este império, do qual não se pode esperar muito. Em todo lugar o moral é excelente. O efeito libertador de ações corajosas, e o apoio decisivo da Alemanha, contribuem muito para isso. Por toda parte se observa os mais autênticos atos sintomáticos. Toda a minha libido pertence à Áustria-Hungria (FREUD,1965/1914,190).

Todavia, o otimismo de Freud durou pouco: em 28 de dezembro de 1914, cinco meses após a troca epistolar com Abraham, Freud escreve ao amigo, o psicopatólogo holandês Dr. Frederik Van Eeden:

Se, agora, o senhor observar o que está acontecendo na presente guerra - as crueldades e as injustiças pelas quais as nações mais civilizadas são responsáveis, a maneira distinta pela qual julgam suas próprias mentiras e maldades e as de seus inimigos, e a falta geral de compreensão interna (*insight*) que

predomina -, terá de admitir que a psicanálise tem estado certa em ambas as suas teses. [1ª: que os impulsos primitivos, selvagens e maus da humanidade não desapareceram em qualquer de seus membros individuais; 2ª: que nosso intelecto é algo débil e dependente, um brinquedo e um instrumento de nossos impulsos (Trieb)] (FREUD, 1976//1915b,341).

E à Lou Andréas-Salomé em 1916:

Não tenho dúvidas de que a humanidade sobreviverá até mesmo a esta guerra, mas tenho certeza de que para mim e meus contemporâneos o mundo jamais será nova mente um lugar feliz. (...) E, o mais triste de tudo é que temos aqui exatamente, o modo pelo qual deveríamos ter esperado que as pessoas se comportassem, a partir do nosso conhecimento sobre a psicanálise. Minha conclusão secreta sempre foi: a mais elevada civilização atual se assenta numa enorme hipocrisia e somos organicamente inadequados a ela (FREUD,1985/1916,45).

O desencanto de Freud quanto à eficácia do processo civilizatório, o fracasso do intelecto em sobrepujar o pulsional, as mudanças teóricas que ele operou, sugerem que a questão da violência começou a ganhar contornos mais precisos nas reflexões de Freud após a Primeira Guerra.¹⁰

Um estudo mais detido quanto ao uso da palavra violência revela uma torção do sentido do termo à medida que sua obra se aproxima do século XX. Ela vai atravessar do indivíduo-

10 Ao longo da obra de Freud, a palavra “violência” é mencionada 94 vezes em 55 de seus trabalhos (BERTELLI,2015).

al estrito para o coletivo, vale dizer, Freud se aproxima da necessidade interdisciplinar, se socorrendo da antropologia, da sociologia e até de pequenas incursões na filosofia social (BERTELLI, 2015, 36).

Enquanto o verbete “agressividade” encontra-se presente nos vocabulários e dicionários de psicanálise, “violência” está curiosamente ausente. Acreditamos que isto se deva ao fato de que a da violência não se releve diretamente do pulsional, como é o caso da agressividade. É claro que na violência existe agressividade, mas o pulsional, como vimos na primeira parte do texto, é a munição da agressividade, cuja intensidade varia devido ao quantum de energia, ou seja, à pressão (drang) da pulsão. Não é por acaso que Freud “se aproxima da necessidade de interdisciplinar, se socorrendo da antropologia, da sociologia e até de pequenas incursões na filosofia social” (Ibid.), para abordar a questão da violência.

Para falar de violência ¹¹, sobretudo em psicanálise, é necessário cautela, pois não pisamos em terreno firme. A falta de consenso, ou mesmo de bom senso, está presente em muitos trabalhos sobre o tema. Como consequência, “o uso do termo violência em psicanálise continua sendo confuso, impreciso e, às vezes claramente estapafúrdio” (COSTA, 1984, p.10).

Ouvem-se argumentos segundo o qual a pulsão de morte seria responsável pela violência, devido ao “retorno ao inorgânico” que ela operaria. Entretanto, o “retorno ao inorgânico”

11 Entre 15 e 17 de abril de 1994, aconteceu em Toulouse, França, um congresso sobre a violência. Um livro foi publicado com as apresentações. Conf.: AIN, J. (org.) *Violences : racines ou destins des pulsions ?* Ramonville : Érès, 1994.

está presente em tudo que é vivo, não sendo prerrogativa apenas do ser humano: “A tensão que então surgiu no que até aí fora uma substância inanimada se esforçou por neutralizar-se e, dessa maneira, surgiu a primeira pulsão: a de retornar ao estado inanimado” (FREUD,1976/1920,p.56). Ademais, “tudo o que vive vai morrer por razões internas tornando-se, mais uma vez, inorgânico”(ibid.).

O modelo paradigmático da violência é a guerra, que evidencia que o homem das épocas pré-históricas, o primitivo do homem, ainda vive inalterado em nosso inconsciente. A guerra “nos despoja dos acréscimos ulteriores da civilização e põe a nu o homem primevo que existe em cada um de nós” (FREUD, 1976/1915b, 338). O que se pratica numa guerra é o mesmo que nas sociedades, isto é, uma violência crescente, seja física, seja psicológica: “estamos vivendo num período especialmente marcante. Descobrimos, para nosso espanto, que o progresso aliou-se à barbárie”(FREUD,1975/1939,71).

Em 1932, ocorre a famosa troca epistolar entre Einstein e Freud sobre a guerra publicada sob o título *Por que a Guerra?*¹² Ambos se interrogam sobre os ideais culturais do

12 Em 1931, o Instituto Internacional para a Cooperação Intelectual, a pedido do Comitê Permanente para a Literatura e as Artes da Liga das Nações, promoveu trocas de correspondência entre intelectuais de renome ‘a respeito de assuntos destinados a servir aos interesses comuns à Liga das Nações e à vida intelectual’, e a publicar essas cartas periodicamente. Entre os primeiros que o Instituto abordou estava Einstein, e foi ele quem sugeriu o nome de Freud. Assim sendo, em junho de 1932, o secretário do Instituto escreveu a Freud, convidando-o a participar, ao que ele prontamente aceitou. A carta de Einstein chegou-lhe no início de agosto, e sua resposta estava concluída um mês depois. A correspondência foi publicada em Paris, pelo Instituto, em março de 1933, em alemão, francês e inglês, simultaneamente. No entanto, sua circulação foi proibida na Alemanha.”

ponto de vista da economia psíquica, e não a partir da construção dos valores civilizatórios. Freud se pergunta sobre o futuro da cultura, tendo como pano de fundo a dinâmica e o antagonismo pulsional.

Einstein, à sua maneira, retoma este antagonismo e apresenta a hipótese segundo a qual o homem “encerra dentro de si um desejo de ódio e destruição”(FREUD,1974/1932, 243). Um tal desejo que, normalmente existe em estado latente, pode facilmente ser despertado e apresentar-se como uma psicose coletiva (FREUD,1974/1932).

Embora, já dissemos, a palavra violência seja relativamente pouco usada em Freud, no texto *Por que a guerra?* (FREUD, 1974/1932) encontramos a palavra citada em uma passagem que corrobora nosso ponto de vista. Logo no início da resposta de Freud a Einstein ele escreve:

O senhor começou com a relação entre o direito e o poder. Não se pode duvidar de que seja este o ponto de partida correto de nossa investigação. Mas, permita-me substituir a palavra ‘poder’ pela palavra mais nua e crua ‘violência’ (*Gewalt*)? (o grifo é nosso) (FREUD, 1933[1932]).

Comparando a passagem acima com a passagem do texto de 1908 já citado, no qual Freud diz que a cultura repousa sobre a renúncia de uma parte “das inclinações agressivas” (FREUD,1976/1908, 192), chegamos ao núcleo de nossa hipótese sobre as origens da violência: *acreditamos que só podemos falar de violência quando estamos no estado de cultura; a violência seria o retorno, na cultura, no simbólico, das moções*

pulsionais agressivas que tivemos que reprimir, e cuja satisfação renunciamos, devido ao trabalho de cultura. A guerra expõe a violência do homem primevo em nós, pois os laços civilizatórios não mais se sustentam, transformando o outro em objeto. A ruína do estado de cultura, a impossibilidade de mantê-lo, atesta sua fragilidade ao transformar a agressividade em violência.

Por isso, quando a ocasião se apresenta, qualquer um de nós é capaz de atos violentos inimagináveis, pois os impulsos primitivos nunca desaparecem: eles apenas “aguardam as oportunidades para se tornarem ativos mais uma vez”(FREUD, 1976/1915b, 340)

Se, segundo nossa hipótese, a violência só é pensável no estado de cultura, posto ser seu subproduto, temos que levar em conta uma dimensão humana por excelência: o desejo. Um ato violento, por mais irracional que possa parecer, trará em seu bojo desejos conscientes e inconscientes. “É a possibilidade do desejo de destruição que nos permite discernir entre a pura descarga agressiva e o seu emprego intencional–violência” (-SOUZA LIMA, 2016, 21).

Na mesma frase na qual Freud propõe a Einstein substituir a palavra poder por violência, ele observa que “é fácil mostrar que uma se desenvolveu da outra (...) se nos reportarmos às origens primeiras”(Ibid.). Ora, é o trabalho da cultura que transforma as origens. As origens são míticas: um tempo antes do estado de cultura, tal como apresentado em Totem e Tabu (FREUD, 1913). Na horda, a violência não existia; só a agressividade, pois não havia a cultura, nem a linguagem; o paulatino surgimento do estado de cultura foi possível graças à repressão da agressividade (FREUD, 1976/1908).

Em 1915, ao escrever sobre os destinos da pulsão, evidencia-se que a violência ocorre no estado de cultura: “o sadismo consiste em atividade de violência, dominação sobre outra pessoa como objeto” (FREUD, 2013/1915c, p. 37).

Winnicott (1958, 1990) entende a violência como uma destrutividade patológica; uma defesa contra uma frustração geradora de angústias insuportáveis e inomináveis, resultado de cuidados insuficientes no início da vida do recém-nascido (o que só pode acontecer, onde há cultura).

Para Lacan (1966), a agressividade deve ser compreendida a partir da experiência subjetiva, por implicar um sujeito; ela está correlacionada com o modo narcísico de identificação: o outro, o que nos remete à castração, constitui um alvo por excelência de nossa agressividade: somos agressivos por sermos castrados. Já a violência tem a ver com a entrada da linguagem, ou seja, com o simbólico.

Parece-nos que é neste sentido que Piera Aulagnier em *A violência da Interpretação* (AULAGNEIR 1979) fala de violência ao referir-se ao desejo materno:

Chamaremos, então, de violência primária à ação psíquica pela qual se impõe à psique de um outro uma escolha, um pensamento ou ação, motivada pelo desejo daquele que a impõe (AULAGNEIR, 1979, p 38).

Para a autora, dar representações às pulsões é uma expressão da violência primária, a qual só pode ocorrer no estado de cultura. Essa violência guarda estreitas relações com a ordem simbólica na qual a criança será inserida, isto é, com

a violência simbólica (BOURDIEU, 2002). Uma não é desvinculada da outra. Renunciar ao gozo narcísico em favor dos valores culturalizados é uma expressão da violência simbólica. A “saúde psíquica” seria a capacidade de suportar os limites que estas duas violências impõem à satisfação pulsional. Pelo que foi dito, fica difícil concordar com a hipótese segundo a qual somos “instintivamente violentos”. “Naturalizar” a violência a banalizaria, “diluindo o seu impacto e atenuando o seu horror” (COSTA, 1985, p.14). Entendemos, vale repetir, que embora a violência só exista no estado de cultura, pois é o retorno da agressividade, não é nem a cultura, nem o psiquismo, que a cria¹³.

Igualmente, falar de violência nos animais, que não desejam, necessitam, ou da “violência dos elementos”, da “violência criadora do universo” (CASSE, 1994, 11) só fazem sentido pelos efeitos que produzem no simbólico. Tais acontecimentos, em si, não são violentos.

Antes de concluir, gostaria de esboçar uma questão que me acompanhou durante a escrita deste texto: por que algumas pessoas são mais “predispostas” à violência? Dentre as possibilidades de responder a esta pergunta, dois caminhos nos parecem promissores.

Inicialmente, pensamos nas séries complementares. Em Os caminhos da formação dos sintomas Freud (1976/1916/[17]), lança mão das “séries complementares”, como obje-

13 No vocabulário psiquiátrico francês lemos: “a expressão ‘passagem ao ato’ evidencia a violência da conduta mediante a qual o sujeito se precipita numa ação que o ultrapassa: suicídio, delito, agressão”. (apud ROUDINESCO, 19... 6). Se há sujeito, é por estarmos no estado de cultura.

tivo de estabelecer a constituição sexual de cada um. Estas séries são compostas pela hereditariedade, pelos elementos constitucionais, pelas influências acidentais e pela intensidade de uma experiência particularmente traumática. Isto sugere que só podemos avaliar devidamente porque alguns sujeitos são mais violentos do que outros, levando-se em conta como cada um dos elementos que compõem as séries afeta a particularidade da história de cada um.

Outra pista de pesquisa pode ser encontrada em *A análise finita e a infinita* (FREUD, 2016/1937). Ali, Freud atribui o fracasso de um processo analítico ao “fator quantitativo da pulsão”:

No caso de uma força pulsional excessivamente grande, o Eu amadurecido e apoiada pela análise, não consegue realizar a tarefa, de modo semelhante ao que acontecia anteriormente com o Eu desamparado (FREUD,2016/1937,332).

Acreditamos que seja uma “força pulsional excessivamente grande” que faz com que certas pessoas fracassem na introjeção nas exigências culturais, fazendo com que o retorno da agressividade reprimida tenha mais chances de se manifestar como violência.

HAVERIA TRATAMENTO SOCIAL PARA A VIOLÊNCIA?

Responder a esta questão seria no mínimo pretensioso. Cabe-nos, apenas, tecer algumas considerações sobre ela, na esperança de encontrarmos elementos de reflexão.

Se, como vimos, o que barra a agressividade é o fato dela ser introjetada e dirigida para o Eu do indivíduo, manifestando-se como superego e exercendo contra o Eu a mesma agressividade que ele(o Eu) gostaria de satisfazer com outros (FREUD,1930), o que barraria a violência seria o intelecto:

Dentre as características psicológicas da civilização, duas aparecem como as mais importantes: o fortalecimento do intelecto, que está começando a governar a vida pulsional, e a internalização dos impulsos agressivos com todas as suas conseqüentes vantagens e perigos (Freud, 1974/1932, 258).

E no mesmo ano Freud escreve:

Nossa maior esperança para o futuro é que o intelecto - o espírito científico, a razão - possa, com o decorrer do tempo, estabelecer seu domínio sobre a vida mental do homem.(...) A compulsão comum exercida por um tal domínio da razão, contudo, provará ser o mais forte elo de união entre os homens e mostrará o caminho para uniões subseqüentes.(FREUD, 1974/1933 [1932],p.).

Seja como for devemos ao processo de evolução cultural “o melhor daquilo em que nos tornamos, bem como boa parte daquilo de que padecemos” (FREUD, 1974/1932, p. 158). Graças à ação da civilização, passamos da agressividade impulsiva à vigência de um pacifismo orgânico, constitucional.

Nathalie Zaltzman(1998)em uma de suas mais importantes obras *De la guérison psychanalytique* (Sobre a cura psicanalítica), trabalha a hipótese segundo a qual o trabalho de cultura

designa “o processo que ocorre tanto no psiquismo individual, quanto na vida psíquica coletiva” (ZALTZMAN,1998, 45). A história singular de cada Eu, no sentido que P. Aulagnier (1979) atribui a esta instância psíquica, elaborada no trabalho analítico, não morre como Eu, mas se transmite:

Através de cada processo analítico, não é apenas a história de uma vida que é alterada, mas a história dos ascendentes e descendentes desta vida. Na prática, não cessamos, através de cada análise, de revisitar os caminhos das gerações que precedem o analisando e observamos, aqui e agora, como sua história é retroativamente modificada na cena psíquica daquele que faz uma análise e, conseqüentemente, na transmissão do passado que, por sua vez, ele fará (ibid.)

Paulo Roberto Ceccarelli

Psicólogo. Psicanalista. Doutor em Psicopatologia Fundamental e Psicanálise - Paris 7 – Diderot. Pós-doutor por Paris 7 – Diderot. Membro da Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental. Membro fundador da Rede Internacional em Psicopatologia Transcultural. Professor e orientador de pesquisas na Pós-Graduação em Psicologia/UFPA. Professor e orientador de pesquisas do Mestrado de Promoção de Saúde e Prevenção da Violência/MP, da Faculdade de Medicina da UFMG. Sócio do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais (CPMG). Sócio Fundador do Círculo Psicanalítico do Pará (CPPA). Membro da Sociéte de Psychanalyse Freudienne - Paris – França. Pesquisador Associado do LIPIS (PUC-RJ). Membro do Programa Antártico Brasileiro. Diretor científico da CASM, Clínica Ampliada de Saúde Mental. (CASM:<https://casm.bhz.br>).

Contato:paulorcbh@mac.com

Homepage:www.ceccarelli.psc.br

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AULAGNIER, P. (1975) **A violência da interpretação**, Imago: Rio de Janeiro, 1979.

BALBI, C. **Os afetos da Primeira Guerra Mundial na vida e na obra de Sigmund Freud**.

http://www.psicopatologiafundamental.org/uploads/files/iii_congresso/temas_livres/os_afetos_da_primeira_guerra_mundial_na_vida_e_na_obra_de_freud.pdf Consultado em 13/05/2018.

BERNAT, J. **La crise du sujet savant: Freud, ou l'illusion de « progrès »**. (Conférence donnée au Colloque « Ethiques et modernités », décembre 2002, organisé par l'U.F.R. Langues et Civilisations Étrangères, CENTRE D'ÉTUDES GERMANIQUES ET SCANDINAVES « LIRA », « Littérature, religion, anthropologie ».) Disponível em:

<http://www.psychanalyse.lu/articles/BernatCriseSujet.htm>
(Consultado em março de 2008)

BERTELLI, F. (2015) **Algumas observações sobre a cartografia da violência em Freud**. Dissertação de mestrado apresentada no Programa de Pós-Graduação em Promoção de Saúde e Prevenção de Violência da UFMG.

BETTELHEIM, B. & FISCHER, D., J. L'ultime conversation, in **Nouvelle Revue de Psychanalyse**, L'excès, Gallimard, n.º. 43, printemps 1991, p. 327.

BOURDIEU, P. **La domination masculine**. Paris: Seuil, 2002.

de SOUZA LIMA, B. **Do amor em tempos de cólera : agressividade, subjetividade e cultura**. Rio de Janeiro, 2006, 250p. Tese de doutorado – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

CASSÉ, M. **La violence créatrice de l'Univers et des étoiles.** In : AIN, J. (org.) *Violences : racines ou destins des pulsions ?*» Ramonville : Érès, p.11-13, 1994.

CECCARELLI, P. R. **Désintrications de da pulsion et processus civilisateur.** In: *Les Lettres de la Société de Psychanalyse Freudienne.* Paris: Ed. Campagne Première, v.18, p.97-107, 2007.

CECCARELLI, P. R. **Laço social: uma ilusão frente ao desamparo.** In: *Reverso, Belo Horizonte, ano 31, n. 58, p. 33-42, set. 2009*

COSTA, J. F. (1984) **Violência e Psicanálise.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1985.

CORRESPONDANCE **FREUD-ABRAHAM** (1097-1926). Paris:- Gallimard, 1965.

CORRESPONDANCE **FREUD-LOU ANDREAS SALOME.** New York: Norton, 1985.

DUARTE, P. **As novas formas de violência.** In: *Sinopses: Acessível em:* <http://www.mutacoes.com.br/sinopses/as-novas-formas-da-violencia/>. Consultado em 28/09/2014.

DUVERNAY BOLENS J., *La théorie de la récapitulation de Haeckel à Freud.* In: **TOPIQUE 2001/2, n° 75, p. 13-34.**

FREUD, S. (1905[1901]) **Fragmento da Análise de um Caso de Histeria.** In: *ESB, v. VII.* Rio de Janeiro: Imago, 1974.

FREUD, S. (1905) **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade.** In: *ESB, v. VII.* Rio de Janeiro: Imago, 1974.

FREUD, S. (1908) **Moral sexual 'civilizada' e doença nervosa moderna.** In: *ESB, v. XI.* Rio de Janeiro: Imago, 1976.

FREUD, S. (1913) **Totem e tabu.** In: *ESB, v. XIII.* Rio de Janeiro: Imago, 1974.

FREUD, S. (1915)**Reflexões para os tempos de guerra e morte.** In: ESB, v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

FREUD, S. (1915a) Transitoriedade. In: **Arte, literatura e os artistas.** Obras Incompletas de Sigmund Freud. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

FREUD, S. (1915b)**Reflexões para os tempos de guerra e morte.** In: ESB, v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

FREUD, S. (1915c)**As pulsões e seus destinos.** Obras Incompletas de Sigmund Freud. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

FREUD, S. (1916/1985)**Neuroses de transferência: uma síntese.** Rio de Janeiro: Imago, 1987.

FREUD, S. (1916)**Conferências introdutórias sobre Psicanálise: Conferência XXIII: Os caminhos da formação dos sintomas.** In: ESB, v. XVI. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

FREUD, S. (1920)**Além do princípio de prazer.** In: ESB, v. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

FREUD, S. (1921)**Psicologia e grupo e análise do ego.** In: ESB, v. XVIII. Rio de Janeiro: Imago 1976.

FREUD, S. (1927) **O futuro de uma ilusão.** In: ESB, v. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

FREUD, S. (1930) **O Mal-estar na civilização.** In: ESB, v. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

FREUD, S. (1932)**Por que a guerra?** In: ESB, vol. XXII. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

FREUD, S. (1933[1932])**Novas conferências introdutórias sobre Psicanálise: Conferência XXXV: A questão de uma Wel-tanschauung.** In. ESB, vol. XXII. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

FREUD, S.(1937) A análise finita e a infinita. In: **Fundamentos da Clínica Psicanalítica**. Obras Incompletas de Sigmund Freud. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

FREUD, S. (1939) **Moises e o monoteísmo**. In: ESB, v. XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

LACAN, J. **L'agressivité en psychanalyse**. In: Écrits. Paris: Seuil, 1966.

MARCUSE, H. **Eros e Civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud**. Rio de Janeiro: Zahar, 6ªed., 1975.

ROUDINESCO, E. **Sigmund Freud na Sua Época e Em Nosso Tempo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

WINNICOTT, D (1960). **Teoria do relacionamento paterno-infantil**. In: O ambiente e os processos de maturação: sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

WINNICOTT D.(1950-55). **A Agressividade em Relação ao Desenvolvimento Emocional**. In: Winnicott, (1958) Da Pediatria à Psicanálise: obras escolhidas. Rio de Janeiro: Imago, 2000, pp.288-304.

ZALTZMAN.N. **De la guérison psychanalytique**. Paris: PUF, 1999.